



Rio, 5/1/1931

40

Prezado amigo Antonio Salles,

Saudações e sinceras votos para que o 1931 lhe corra, a  
V. e aos seus, próspero e feliz. Respondo á sua de 15 de dezembro,  
que V. dir Ter sido a primeira "depois da Tormenta que mudou  
a face das coisas". Eu diria: "que mudou a ordem das pessoas,"  
porque as coisas continuam as mesmas, isto é, a mesma  
anarquia administrativa; as mesmas, e maiores, as injustiças;  
as mesmas ambições, a mesma hipocrisia, as mesmas... os  
mesmos... etc. etc. O que se deu, e está passando por este Bra-  
sil fora, foi simplesmente uma nova ordem de pessoas; as  
coisas continuaram como estavam, apenas modificadas pela  
força das circunstâncias, resultante do tempo e não de forma,  
de governo. Falo-lhe como sceptico, e não como prejudicado.  
Pergunta-me V. como fiquei? Fiquei sem a direcção da  
Casa Rui, porque um gaúcho a cobiceou, e, cobiceando-a,  
teve antes de convencer o ministro da Educação (que dizem  
ser a principal cabeça do governo) de que eu era genro do  
Vicente de Castello. Apenas isto, mas o bastante para que,  
sem me ouvir, nem apurarem a denuncia, eu fosse  
certa maneira (aliás sem surpresa) a minha exoneração  
a pedido!!! E sem V. uma amostra infinitesimal do gover-  
no que proclama a justiça e a moralidade como artigos  
principaes do seu programma de regeneração. Agora, outra pe-



Quem me mostra: o meu substituto, 2º official do Museu  
Historico, é reconhecido pelo Collega como mau, ou melleo,  
pessimo funcionario, faltoso, incompetente, intrigante  
e deshonesto. Mas é gaúcho, e eu carioca. Note que eu não  
me rebelo. Acho que está certo. Revoluçãõ é isto mesmo.  
So os ingenuos acreditam que as revoluçõs se inspiram no  
patriotismo. Esta revoluçãõ seria unia, caso virgem na  
Historia, si procedesse com justica e honestidade, coisa im-  
possivel em qualquer revoluçãõ. Breve, repito: está certo; não  
me queixo de ninguém, pois tudo isto é humano. Aceito o  
fenomeno, e sinto-me contente por ver que elle corrobora  
o meu juizo acerca das comunicações sociais. — E você? Tam-  
bem lhe tocou alguma parte na justica revolucionaria? Mas  
será V. tambem filosofo, para aceitar, como eu, com um sorriso,  
essas hypocrisias e injusticas? Aceito que sim, pelo bem  
que lhe quero. — Alegria-me a noticia de sua vinda, em mar-  
ço, ao Rio, com a Estrada de Damasco já concluida. O meu  
Rey e o Codigo estava-se compondo na Imprensa Nacional, e  
a composiçãõ já estava quasi terminada, quando fui exone-  
rado. Receio, porém, que o clarividente desestino do actual  
governo ache preferivel pagar a composiçãõ já feita, e dar  
contra ordem, a mandar proseguir na composiçãõ do livro, cuja  
despesa, já agora, seria minima. Vamos ver. Como filosofo, tenho  
como certa a minima hypothese. — A demostão do Justo foi  
tambem outra clamorosa... justica revolucionaria. Como  
sabe, um dos principaes motivos da revoluçãõ foi implantar a  
liberdade de opiniaõ, isto é, demittir os que tinham opi-  
niãõ contraria<sup>a</sup> do revolucionario. Mas, ainda aqui, está





unido ceto. Assim têm procedido todas as revoluções, feitas para restabelecer a liberdade de opinião. O contrario é que seria anormal, anárquico e mirabolante. — Quando V. vier ao Rio, dar-me-ei mais algumas publicações da Academia. O Afranio tem intenção de publicar uma serie de bio-bibliografias dos nossos grandes nomes literarios. Estudos puramente objectivos, sem critica, nem critica. Cada um escolherá o autor, ou autores, de sua predilecção. Vá pensando desde já em alguns nomes, pois não podemos dispensar a sua collaboração. — A vaga de Silva Ramos, até agora só concorreram 3 candidatos: Mucio Leão, Meantana Machado e um maluco Francisco Sivas. É provavel que ainda appareçam outros. Quando V. estiver no Rio, hei de forçá-lo a candidatar-se a uma das futuras vagas.

Adieu. Até breve. Lembrações de Brita p.<sup>a</sup> Voz e Dona Alice. Seu euviôlhes outras tantas e um abraço especial para o amigo. Joam<sup>or</sup> uelho e grande adiu.

Quando V. vier